RESENHA

ASSIS, Arthur Alfaix. *A Teoria da História de Jörn Rüsen. Uma introdução*. 2ª edição. Goiânia: Editora UFG, 2025.

O QUE FAZEM OS HISTORIADORES?

Uma leitura de "A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução", de Arthur Assis

ROBEILTON DE SOUZA GOMES
Universidade Federal do Amazonas
Manaus | Amazonas | Brasil
robeiltonhistoriador@gmail.com
orcid.org/0000-0001-5298-5903

Quinze anos depois da sua primeira edição em 2010, o livro *A Teoria da História de Jörn Rüsen: uma introdução* continua sendo uma das melhores portas de entrada para quem deseja acessar o intrincado universo da teoria da história do renomado historiador alemão. Em menos de 100 páginas, Arthur Alfaix Assis,[1] consegue sintetizar os aspectos centrais da argumentação do seu antigo orientador de doutorado.

Conforme sinalizado na introdução do livro, "o objetivo mais imediato do exercício de interpretação é oferecer suporte à compreensão da teoria da história sistematizada por Rüsen" (Assis 2025, 16). Isso é feito a partir de uma divisão em três capítulos (*Orientação*, *Validação* e *Representação*) em que os princípios fundamentais da *matriz disciplinar da história* postulada por Rüsen são apresentados de forma sumariada e compreensível. Com uma linguagem que combina erudição e capacidade explicativa, Assis consegue apresentar, contextualizar e refletir de forma crítica as teses esboçadas na trilogia sobre os *Fundamentos de uma Teoria da História*.

Muitos autores escrevem bons livros, poucos recebem em vida o reconhecimento dos seus pares e um número bem menor consegue efetivamente marcar a história das ciências. Com quase 90 anos de idade, boa parte deles dedicados à historiografia, Rüsen é uma dessas exceções. Com uma obra vasta, densa e profícua, o historiador e metodólogo alemão notabilizou-se como um dos maiores intelectuais da segunda metade do século XX, mantendo-se como referência constante no debate acadêmico atual, particularmente no que concerne aos campos da teoria, metodologia e didática da história.

No Brasil, há pelo menos 40 anos, Rüsen tem merecido a atenção de tantos quantos souberam valer-se de seus livros e utilizá-los de modo crítico e criativo. Os primeiros textos de Rüsen aqui traduzidos foram os artigos: "Explicação narrativa e o problema dos construtos teóricos de narração" (Rüsen 1987); "Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da 'nova intransparência'" (Rüsen 1989) e "Narratividade e objetividade nas ciências históricas" (Rüsen 1996). Desde então Rüsen passou a compor a bibliografia dos cursos de graduação e pós-graduação e influenciar gerações de pesquisadores brasileiros (Santos 2020, 152).[2] No entanto, foi a tradução dos volumes *Razão Histórica* (2001 [1983]), *Reconstrução do Passado* (2007a [1986]) e *História Viva* (2007b [1986]), realizada pelo professor Estevão Martins, que ajudou a consolidar de modo significativo e definitivo a inserção de Rüsen entre nós. Desde então o que temos visto é um número cada vez maior de estudos que partem da teoria proposta pelo historiador alemão, assumindo-a como referência, fonte ou objeto de pesquisa.

A recepção das teses de Rüsen, no Brasil, foi analisada por Wilian Barom em estudo que visou mapear trabalhos na área da didática da história e consciência histórica, defendidos no âmbito da pós-graduação em educação e história, entre os anos de 2001 e 2009. O autor analisou 34 trabalhos, sendo 10 teses e 24 dissertações (Barom 2012, 10). Nesse estudo, Barom apresenta uma

[1] Arthur Alfaix Assis é professor associado de Teoria e Metodologia da História da Universidade de Brasília desde o ano de 2009, atuando no âmbito da graduação e pós-graduação. É bacharel e licenciado pela Universidade Federal de Goiás (2002), mestre em História pela Universidade de Brasília (2004) e doutor pela Universidade de Witten/Herdecke, Alemanha (2009).

[2] Arthur Assis, por exemplo, afirmou em entrevista concedida no ano de 2018 que foi ainda durante a graduação, na Universidade Federal de Goiás, em curso ministrado pelo professor Luiz Sérgio Duarte da Silva que teve os primeiros contatos com a obra de Rüsen, quando leu o texto *Narratividade e objetividade nas ciências históricas*, traduzido por Estevão Martins (Santos 2020, 191).

ampla discussão sobre apropriação de conceitos, temáticas, abordagens, perfis de orientação, regiões e instituições onde as ideias rüseneanas tiveram maior trânsito, nos proporcionando uma *cartografia* dessa acessão (Barom 2012, 107-123). Em estudo posterior, considerando o recorte 2001 a 2015, Barom mais uma vez assinalou o impacto da obra de Rüsen nas universidades brasileiras. Através de buscas na *Plataforma Lattes* e *Google Acadêmico* o autor contabilizou um total de 562 artigos, 75 dissertações, 28 teses e 2 monografias com marcada influência do pensamento de Rüsen (Barom 2015, 225-226). Na mesma perspectiva, Silmária dos Santos analisou para o período de 2010 a 2017, considerando apenas trabalhos de maior envergadura, a autora levantou o número de 35 trabalhos defendidos nos departamentos de História (sendo 6 teses e 29 dissertações) e 61 defendidos nos departamentos de Educação (sendo 19 teses e 42 dissertações), perfazendo um total de 96 trabalhos analisados (Santos 2020, 44). Mais recentemente, analisando a formação dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Max Pina assinalou a contínua influência de Klaus Bergmann e Jörn Rüsen. Pina destacou que no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre os anos de 1999 e 2021, foram registrados 118 trabalhos (entre teses e dissertações). Para os anos de 2013 e 2021 foram defendidas 12 dissertações e 01 teses no programa de pós-graduação da UFG (Pina 2021, 76-78). No âmbito da graduação, desde a reforma curricular de 2004, o curso de História da UFG buscou adotar uma discussão centrada na formação de professores e pesquisadores e na reflexão sobre o ensino e aprendizagem histórica. Ao longo dos anos de 2013 a 2022, foram ofertadas diversas disciplinas que dialogam com Jörn Rüsen e a didática da história, totalizando doze cursos ministrados por diferentes professores e repetidos diversas vezes semestralmente (Pina 2024, 28).

Os trabalhos de Barom, Santos e Pina são excelentes para entendermos a recepção de Rüsen no Brasil. A partir disso, uma questão se impõe: por que a obra do historiador alemão mereceu tanta atenção ao longo dos anos entre pesquisadoras e pesquisadores brasileiros? O livro de Arthur Assis não busca responder essa pergunta. No entanto, a decisão de publicar um livro e reeditá-lo, em certa medida, é também parte dessa resposta. Isso aponta para o fato de que projetos editorais não são apenas reflexos de intuitos particulares: são também parte constitutiva de um contexto intelectual.

Reunindo essa indagação com a que vem no título desse texto, poderíamos ainda nos perguntar: por que os textos escritos por determinados autores se destacam e são mais apreciados que outros? Quando indagado acerca do seu trabalho como tradutor da obra de Rüsen e sobre o impacto acadêmico daí advindo, Estevão Martins afirmou que:

> Convencido de que a teoria da História do Rüsen oferecia (e oferece) o melhor quadro epistemológico para o entendimento e a operação da História como ciência, passei a tratar sistematicamente dele nos meus cursos (como o René [Gertz] fazia em Porto Alegre) e decidi traduzir a trilogia, cujo teor nada tinha de comparável em português, inglês ou francês (Pereira; Santos 2025, 06).

Em outra ocasião, na apresentação que fez ao *Dossiê: sentido e relevância da História no mundo contemporâneo*, publicado na revista de história intelectual da Universidade de São Paulo, Martins foi ainda mais categórico ao dizer que:

> Dentre os muitos autores que se destacam no cenário internacional da historiografia contemporânea, como Reinhart Koselleck, Georg G. Iggers, Hayden White, Frank Ankersmit. François Hartog, François Dosse, Edoardo Tortarolo, Chris Lorenz, Ewa Domanska, Allan Megill, Michael Bentley, e tantos outros mais, pode-se dizer que Jörn Rüsen é aquele que enunciou a mais completa sistematização teórico-metodológica do pensamento histórico em sua versão científica mais promissora (Martins 2017, i).

Conhecedor arguto da obra de Rüsen e da história da historiografia em geral, fica evidente pelos excertos acima que, se o historiador brasileiro não estivesse convencido da qualidade e da pertinência das reflexões do seu colega alemão, não teria dispensado tanta atenção aos seus escritos. Certamente não teria dedicado boa parte da sua vida acadêmica a traduzir livros, orientar trabalhos e contribuir para a recepção e interlocução, aprimorando e contribuindo para um debate que influenciou imensamente a produção historiográfica brasileira. É nesse contexto de tradução e difusão de Rüsen no Brasil que podemos situar o interesse que Assis nutriu pela obra desse historiador.[3]

Tendo concluído a graduação na Universidade Federal de Goiás, no ano de 2002, Assis iniciou nesse mesmo ano seu mestrado, na Universidade de Brasília, sob a orientação de Estevão Martins. O projeto de pós-graduação que inicialmente visava discutir aspectos historiográficos na obra de autores brasileiros que estudaram o Segundo Reinado e em que Rüsen figurava apenas como uma das referências teórico-metodológicas, ganhou um novo rumo. No decurso da pesquisa a referência tornou-se objeto e a dissertação que daí surgiu, intitulada *O que fazem os historiadores, quando fazem história? A teoria da história de Jörn Rüsen e "Do Império à República", de Sergio Buarque de Holanda* é resultante dessa inflexão nos interesses do autor.

[3] É importante salientar que não apenas a coincidência temporal da publicação de Rüsen no Brasil com a inserção de Assis na pós-graduação ajuda a entender o seu tema de pesquisa, mas, sua própria formação em instituições em que o debate historiográfico era constantemente atualizado e estimulado. O contato com professores que lhe conduziram pelos meandros da teoria da história, a exemplo de Luiz Sérgio Duarte da Silva (UFG) e Estevão de Rezende Martins (UnB), também foi definidor nas suas escolhas profissionais. Outro aspecto digno de nota é o fato de que a partir dos anos 2000 há um extraordinário crescimento no acesso a cursos superiores no Brasil, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. O que ajuda a compreender o contexto intelectual e geral em que Arthur Assis estava inserido quando do início de suas pesquisas. Estudos sobre esse período apontam que, apenas nos casos de mestrado profissional, houve no Brasil um aumento de 160% do ano 2000 para 2001 e de 47% no ano de 2002. Os números são mais expressivos ainda quando observados os mestrados e doutorados acadêmicos (Cabral 2020, 13-14). No início dos anos 2000, milhares de pesquisadores ingressaram na pós-graduação. Assis estava entre eles.

Não é nosso intuito fazer uma análise comprada extensa das mudanças do texto dissertativo, defendido em 2004, com a primeira edição do livro publicada em 2010 e sua reedição de 2025.[4] Gostaríamos apenas de destacar alguns fatores importantes no transcurso desses mais de vinte anos que separam esses momentos.

Primeiro, salta aos olhos que quando da realização de sua pesquisa, que centrou atenção na *trilogia* da teoria da história de Rüsen, apenas o primeiro volume, *Razão histórica: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica* havia sido traduzido. Assis teve que fazer um esforço maior para ler, em primeira mão, os outros dois volumes, *Reconstrução do passado: teoria da história II, os princípios da pesquisa histórica* e *História viva: teoria da história III, formas e função do conhecimento histórico*, que seriam traduzidos apenas em 2007. Portanto, nesse contexto, Assis era um jovem pesquisador, bem menos experiente, tendo que enfrentar ideias complexas, apresentadas em um idioma difícil de compreender.[5] Esse dado é relevante para situarmos o trabalho e entendermos algumas escolhas que o autor precisou fazer. *Segundo*, quando do lançamento da primeira edição do livro, em 2010, Arthur Assis acabara de concluir seu doutorado na Universidade de Witten/Herdecke, Alemanha, sob a orientação do próprio Jörn Rüsen. Essa experiência não é um simples detalhe. É algo que certamente marcou sua percepção, a partir da interlocução direta com o autor que havia estudado. Isso marca um diferencial no olhar do autor da dissertação para o autor do livro. *Terceiro*, a edição de 2025 do livro foi pensada em um contexto um tanto diferente dos demais. Atualmente Arthur Assis é um dos grandes nomes da teoria da história no Brasil: professor e pesquisador reconhecido nacional e internacionalmente, capaz de refletir com clareza sobre sua própria produção, inclusive a sua *Introdução* à teoria de Rüsen. Apesar de manter o texto quase intocado nessa versão, quando comparada com a primeira, pode-se notar um zelo a mais na utilização de conceitos, na menção à bibliografia, maior precisão no uso das palavras, na reescrita de frases. Percebe-se que houve uma reformulação nos títulos dos capítulos que, tanto na dissertação quanto na primeira edição do livro, trazia a expressão "ciência da história" e nesta segunda edição foi suprimida. Nada que altere substantivamente o texto e os argumentos, mas, que sinaliza que o autor já não é o mesmo. Os leitores também já não o são. Tendo isso em vista e com essas primeiras considerações passaremos à análise mais atenta das partes do livro.

Iniciemos pelo *prefácio* escrito especialmente para a segunda edição, em que o autor antecipa aspectos importantes do trabalho. Assis afirma que gostaria de ter assumido um distanciamento maior em relação a expressões rüseneanas como "ciência da história", "pensamento histórico" e "consciência histórica" e as suas próprias ideias (Assis 2025, p. 10). Evidentemente isso não caracteriza

[4] A mudança mais perceptível da dissertação para o livro é a retirada do quarto capítulo, intitulado *A teoria da história de Jörn Rüsen à prova de Do Império à República*, isso tanto na edição de 2010 quanto na de 2025. Esse texto foi publicado posteriormente, no formato de artigo, na *Revista Brasileira de História* (Assis, 2010). Além disso também o autor atualizou as referências e citações dos volumes *Reconstrução do Passado* e *História Viva* que, quando da publicação do livro, já estavam traduzidos, passando a citar as edições em português, o que possibilita cotejar as citações diretamente no texto referencial.

[5] Assis realizou no início de 2004, um curso de língua alemã, com auxílio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, na Universidade de Duisburg-Essen. Nessa ocasião pode estabelecer contato direto com Jörn Rüsen, então presidente do renomado Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas (*Kulturwissenschaftliches Institut*), em Essen, e assim pode apresentar os resultados parciais da sua dissertação, defendida após o retorno para o Brasil.

uma ruptura epistemológica em relação aos conceitos desenvolvidos pelo autor da trilogia; trata-se apenas de uma tomada de posição autoral que implica em não aproximar demais objeto e análise. A manutenção de tais expressões ao longo do livro é um bom indicativo das linhas de continuidade entre os textos nas suas várias versões e da manutenção de certa afinidade teórica entre os autores. Na sequência, Assis apresenta três assertivas que merecem consideração.

A *primeira* evoca a necessidade de relacionar as reflexões de Rüsen ao contexto da sua produção, a saber, o da Alemanha dividida após a Segunda Guerra Mundial, em sua busca pela reconstrução do passado, e em meio ao empenho dos seus intelectuais para garantir uma consciência histórica e dirimir carências de orientação. Basta lembrar que a maior parte dos trabalhos de Rüsen, inclusive a trilogia *Fundamentos de uma Teoria da História* (1983-1989) foi escrita no espaço de experiência da Guerra Fria. A *segunda* questão levantada por Assis e que escapa ao horizonte do livro é a realização de uma discussão mais ao nível comparativo das teses de Rüsen com as de outros autores contemporâneos, o que poderia melhor situar as teses do autor na "paisagem historiográfica". A *terceira* questão trata da possibilidade de tematizar as renovações trazidas pela obra de Rüsen, particularmente no que se refere a temas ligados ao humanismo, iluminismo e historicismo; modelos interpretativos frequentados e atualizados na *matriz disciplinar* esboçada pelo autor.

As questões que Assis dirige ao seu próprio texto encontram ressonância em debates atuais no campo da história intelectual, quanto a procedimentos de leitura e interpretação de textos historiográficos. Segundo Muniagurria e Zorek (2023) há pelo menos três critérios básicos que orientam esse tipo análise: a necessidade de pensar a historicidade dos textos historiográficos, o procedimento de identificação dos contextos gerais em que o texto foi produzido e a imprescindível identificação dos contextos intelectuais nos quais o texto está inserido. Se o livro de Assis não atende, no todo, essas demandas – ainda que apresente apontamentos nesse sentido –, elas podem ser localizadas em contribuições posteriores do próprio autor e de outros pesquisadores; servindo de estímulo para novas pesquisas (Assis 2017; Kozlarek 2017; Silva 2017; Wiklund 2017).

Na *Introdução*, além do supracitado objetivo do livro, também ficamos sabendo como e por que Rüsen escreveu sua trilogia. Com forte inspiração na *Historik* de Droysen que, no século XIX, havia articulado de modo original a teoria da historicidade do mundo humano, com a teoria do conhecimento histórico e a teoria do método histórico. Rüsen buscou, em um contexto marcado pela "pluralização dos objetos e métodos" da década de 1980, "reinventar a possibilidade de uma visão de conjunto sobre a prática historiográfica". E fez isso buscando explicitar os "princípios formais de todas as variantes dos estudos históricos, os quais lhes dariam uma identidade comum, para além das evidentes diferenças", ao mesmo tempo em que buscou, "tanto superar uma concepção estreita de objetividade, quanto estabelecer uma alternativa radicalmente construtivista de historiografia". Para isso, Rüsen apresentou aquilo que considera os princípios fundamentais com os quais o conhecimento histórico precisa lidar: 1) *carências de orientação*, 2) *perspectivas diretoras da interpretação histórica da experiência do passado*, 3) *métodos da pesquisa empírica*, 4) *formas de apresentação* e 5) *funções de orientação* (Assis 2025, 20-25).

Em síntese, a matriz disciplinar de Rüsen é uma tentativa de apresentar "a compreensão geral da natureza, do significado e das funções da ciência histórica". E nesse sentido, Assis é muito bem-sucedido na sua tarefa de sintetizar e explicitar aos seus leitores estes cincos princípios, discutidos nos três capítulos que compõem o seu livro.

No primeiro capítulo, intitulado *Orientação*, curiosamente são debatidos o primeiro e o último dos *princípios*, ou seja, as *carências e funções de orientação*. É uma forma bastante engenhosa de demonstrar como os constructos teóricos de Rüsen pressupõem uma racionalidade interdependente que, ao término, converge ao ponto inicial. No tópico *Carências e interesses*, mais diretamente relacionado ao tomo um da trilogia (*Razão Histórica*) são discutidas questões centrais sobre o modo como a representação das temporalidades ganha significado preciso a partir da "constituição de sentido" operada pelo pensamento histórico (Assis 2025, 30-31). É a partir das experiências cotidianas que o historiador busca "elaborar representações do mundo carregadas de sentido", no presente. É também através desse procedimento reflexivo que se opera a "conversão da tradição", e o passado não historicizado, é apresentado como "instância temporal efetivamente específica", podendo ser trabalhado na pesquisa sem negligenciar o vínculo genético entre passado e presente. Por fim, e sempre visando a superar as carências de orientação, o "estabelecimento de intenções" completa o trabalho de formação da consciência histórica apontando para um agir em vista do futuro (Assis 2025, 33-36).

Interessante notar que as representações do tempo seguem uma forma espiralada, contorcida em torno de si, produzindo uma imbricada determinação. Nas palavras do próprio Rüsen, "essa íntima interdependência de passado, presente e futuro é concebida como uma representação da continuidade e serve à orientação da vida humana prática atual" (Rüsen 2001, 64). Essa estrutura explicativa tripartite permeia todo o modelo de Rüsen. Certamente é um empréstimo tomado de Droysen, que por sua vez recebeu de Hegel. Algo bastante evidenciado quando Assis discorre sobre os critérios de validade, introduzidos por Rüsen como intrínsecos a toda forma de conhecimento histórico: pertinência empírica, pertinência normativa e pertinência narrativa. Intimamente relacionadas a esses critérios de validação, desdobram-se também três formas de objetividade relativas aos métodos da pesquisa histórica: a objetividade de fundamentação, objetividade de consenso e objetividade construtiva (Assis 2025, 39-41).

Esse alargamento do conceito de objetividade, tão caro às ciências humanas, não fragilizaria o conhecimento histórico em sua versão científica; é justamente o que possibilita à História dialogar com um universo maior de pessoas e produzir orientações para um público ampliado.

No segundo tópico do Capítulo 1, *Funções*, são discutidos pontos centrais da teoria de Rüsen, seguindo o que está posto no tomo três da trilogia (*História Viva*). É apresentado o modo como a orientação cultural fornecida pelos historiadores precisa ser mediada para que o conhecimento histórico cumpra efetivamente a sua finalidade de promotor da "formação histórica". (Assis 2025, 43). Entendida como o "conjunto de competências de interpretação do mundo e de si próprio que articula o máximo do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de esforço indenitário", segundo Rüsen, "formação" pressupõe também as competências relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade (Rüsen 2007b, 95). Nesse sentido, pensar em formação histórica é evidenciar as funções de

orientação que passam pelo debate da aprendizagem histórica, da cultura histórica, pelo processo de constituição de identidade, pelos fatores de objetivação e subjetivação do saber e da sua relação com o mundo com o qual os indivíduos interagem. Portanto, para Rüsen, na interpretação de Assis, "formação histórica é, em suma, a maneira mais adequada de religar o saber especializado da ciência à vida prática" (Assis 2025, 48).

No livro, Assis não discute de modo pormenorizado a dimensão *didática* do saber histórico apresentado em *História Viva*. Restringe-se a apresentar a inserção desse tema na obra de Rüsen a partir de uma certa tradição alemã e a comentar sua capacidade de orientação. Não obstante isso, esse aspecto fora um dos mais explorados em trabalhos cuja finalidade era estudar a didática da história e as funções do conhecimento histórico. Ademais, hoje contamos com um volume maior de textos do próprio Rüsen, traduzidos para o português, nos quais essa discussão é feita de modo mais detalhado e que o leitor interessado poderá se apropriar satisfatoriamente.[6]

Algumas conclusões apontadas por Assis, ao término do primeiro capítulo, é a de que a teoria da história de Rüsen rejeita qualquer ideia de objetividade científica pautada em uma premissa de neutralidade política. Pelo contrário, as *carências* e *funções* de orientação inerentes ao saber histórico afirmam o seu compromisso ético com o presente.

No segundo capítulo, *Validação*, centrado nos temas trabalhados no tomo dois da trilogia, *Reconstrução do Passado*, Assis discute outros dois princípios da *matriz* de Rüsen. Nessa parte do texto, a finalidade principal é mostrar como que, para o historiador alemão, "a pesquisa histórica consiste num conjunto de operações cuja finalidade é validar o conhecimento a ser comunicado pela historiografia" (Assis 2025, 51).

No que tange às *perspectivas diretoras da interpretação histórica*, trata-se de historicizar o passado, de enfrentar o problema da atribuição de critérios de seleção daquilo que pode ser estudado; em outras palavras, de como demudar a experiência do passado em experiência histórica. Aqui, novamente chama atenção a influência de Droysen, no sentido de delimitar o objeto do conhecimento histórico a partir daquilo que ainda se dá a conhecer através do material histórico. Segundo Assis, Rüsen leva adiante esse raciocínio e avança no sentido de afirmar que a análise histórica somente pode se concretizar "quando a experiência do passado possui ou adquire significado no presente" (Assis 2025, 55). Esse argumento apresentado por Assis adquire uma dupla significação. Por um lado, aponta para as injunções que as carências de orientação, no presente, impõem sobre a interpretação do passado; por outro lado, explicita o caráter presentista na visão de história de Rüsen, subjacente à perspectiva historicista.

O cerne da discussão sobre critérios de seleção das experiências do passado e análise histórica a partir de interesses do presente se evidencia de modo latente a partir do uso dos conceitos. Os conceitos seriam as ferramentas que, quando bem manejadas pelos historiadores, conseguiriam realizar essa mediação temporal, evitando ao máximo possível leituras anacrônicas do passado.

[6] Refiro-me particularmente aos livros *Jörn Rüsen e o Ensino de História* (2010), *Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas* (2012), *Humanismo e Didática da História* (2015) e *Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história* (2016).

Quanto ao segundo tópico, o que diz respeito ao princípio dos *métodos da pesquisa empírica*, apresenta o debate em torno da relação entre pensamento histórico e experiência mediada pelo método. Segundo Assis, a refinada concepção de método histórico de Rüsen possibilita "sistematizar as operações que permitem tanto a abordagem empírica quanto a historicização da experiência do passado" (Assis 2025, 63). Novamente Rüsen apresenta um modelo que, partindo de uma base argumentativa tripartite, expõe as fases da pesquisa histórica: primeira, a configuração das perspectivas diretoras da interpretação histórica; segunda, as perspectivas que orientam o olhar histórico na coleta de informações; terceira, transformação dos dados da pesquisa em interpretação e representação histórica. De igual modo, Assis apresenta as chamadas *operações processuais*: a heurística, crítica e interpretação (Assis 2025, 64-65).[7] Por fim, são apresentadas as *operações substantivas*: hermenêutica, analítica e dialética. Há um intercruzamento das operações processuais e substantivas. A pesquisa histórica pautada na heurística, crítica e interpretação hermenêutica se encarregaria das questões específicas de validação do conhecimento consoante informações compulsadas do material histórico; a pesquisa histórica centrada na heurística, crítica e interpretação analítica dedica-se a apresentar os pressupostos gerais que conformam o agir humano. A dialética, por sua vez, é um tipo de pesquisa que reúne características das duas versões anteriores em uma terceira forma possível (Assis 2025, 64-70).

Algumas das conclusões a que Assis encaminha seus leitores ao encerrar o segundo capítulo são as de que a pesquisa empírica visa garantir a plausibilidade e a credibilidade das narrativas; que a objetividade histórica é relativa, baseada na possibilidade de crítica e refutação; e que a produção do conhecimento é sempre relacional e passível de aperfeiçoamento.

No terceiro e último capítulo do livro, *Representação*, são apresentadas as *formas de apresentação* do texto historiográfico (quarto princípio da matriz disciplinar de Rüsen), ressaltando a sua relação inerente e sua alteridade em relação aos princípios metódicos de validação do conhecimento. É apontado que, segundo Rüsen, a narrativa, enquanto principal meio de apresentar o conhecimento histórico, deve equilibrar criatividade e fidelidade às fontes e que a elaboração estética e retórica visa comunicar sentido ao público. Desse modo, pode-se entender que as *formas de apresentação* estão intimamente conectadas às *funções* e *carências* orientação. A partir dessa conexão, Assis esclarece que, apesar de certas aproximações com autores que propuserem tipologias narrativistas, a exemplo de Hayden White, para Rüsen a narratividade não pode negligenciar os "limites da ficcionalização" inerentes ao trabalho dos historiadores. Uma vez que, "da pesquisa das fontes emergem elementos que direcionam e limitam o ato poético da construção narrativa desempenhado pelo historiador", ainda segundo Assis, Rüsen "visualiza a dimensão estética do pensamento histórico numa íntima articulação com a dimensão cognitiva" (Assis 2025, 76-77). Como sabemos, outros modelos interpretativos, para os quais a matriz disciplinar de Rüsen não deixa de ser uma resposta crítica, esvaziaram excessivamente essa conexão entre empiria, interpretação e textualidade. Evidentemente a teoria rüseneana da história assenta-se em bases narrativistas e em um certo tipo de

[7] Rüsen mantem e nomeia tais *operações* exatamente da mesma maneira que Droysen havia subdividido a sua *Metódica*. A metódica, juntamente com a *Sistemática* e a *Tópica*, faz parte das três divisões da tarefa do historiador propostas pela teoria da história de Droysen em seu *Grundriss der Historik*. Ver: Gomes 2024, 156-159.

construtivismo; porém, trata-se, para Assis, de uma "construtividade controlada" (Assis 2025, 61).

Após esses esclarecimentos iniciais sobre o modo como as *formas* da apresentação do conhecimento histórico não podem se desvincular das suas *funções,* Assis passa a apresentar as quatro formas de constituição do sentido histórico preconizadas por Rüsen, a saber: tradicional, exemplar, crítica e genética, bem como a maneira como cada uma orienta a construção de identidades, a compreensão do tempo e a constituição do sentido. A *narrativa tradicional* reforça a continuidade temporal, a identidade social e aponta para princípios de orientação pautado na afirmação*;* a *narrativa exemplar* generaliza regras e amplia referências da tradição buscando a construção de uma identidade que se forma na percepção da regularidade dos acontecimentos; a *narrativa crítica* questiona e transforma as orientações tradicionais, pautando-se pela negação das formas dominantes; por fim, a *narrativa genética* aborda mudanças e diferenças temporais, promovendo a historicidade do tempo simultâneo, visto a partir das rupturas e continuidades, o que implica em uma "temporalização do sentido" (Assis 2025, 78-83).[8]

Algumas das principais conclusões contidas no terceiro capítulo são as de que a racionalização do método deve ampliar o potencial de orientação cultural da história enquanto saber científico e que as formas de apresentação exercem função imprescindível a partir da sua relevância comunicativa, que conecta experiências passadas com interesses do presente. A historiografia contribui para a formação de identidades e para o reconhecimento da diversidade, expressa na ideia de humanidade, tão cara à antropologia histórica proposta por Rüsen. A relação entre método e sentido é fundamental para a credibilidade e relevância social do conhecimento histórico e a ciência da história atua – ou deveria atuar – como uma forma de constituição cultural de sentido, integrando tradição e inovação.

Ao chegar ao término da leitura dos três capítulos do livro de Assis, talvez o leitor procure uma conclusão. É sempre esperado que o autor se sirva desse recuso para reforçar argumentos, sintetizar ideias e orientar melhor seu leitor quanto as linhas fundamentais que o livro abordou. Não há uma conclusão com essa finalidade. Os argumentos conclusivos são apresentados ao longo dos próprios capítulos. As razões para essa ausência não são explicitadas no texto. Talvez faça parte do exercício de distanciamento anunciado no prefácio. Pode ser porque em 2013 Jörn Rüsen publicou, ele mesmo, uma espécie de síntese atualizada da sua teoria e, para os analistas de sua obra, concluir qualquer coisa em 2025, implicaria trazer à torna também essas novas reflexões.[9] Algo que Assis não se dispôs e que também implicaria uma descaracterização da proposta inicial do livro, que já tem suas próprias finalidades.

[8] O próprio Jörn Rüsen apresenta um esquema-síntese das formas de apresentação e suas implicações para a constituição do sentido histórico nelas expressas. Ver: Rüsen 2007b, 48-62.

[9] O livro originalmente publicado em 2013, na Alemanha, foi traduzido por Estevão Martins no ano de 2015, com o título de *Teoria da história: uma teoria da história como ciência* (Rüsen, 2015).

Seja como for, o fato é que a leitura do livro de Arthur Assis, na forma como ele se apresenta, nos coloca em contato com uma síntese que é, como dissemos inicialmente, das melhores portas de acesso à teoria da história esboçada na trilogia escrita pelo historiador alemão. Algo bem mais elaborado do que um simples guia "para compreender Rüsen", presente no modismo editorial que promete facilitar o acesso a ideias de autores densos e multidimensionais. Ainda que seja esse também o ganho imediato da leitura de *A teoria da história de Rüsen: uma introdução*, isso se deve ao fato de que o livro é resultado de uma pesquisa acadêmica séria e compromissada, na qual o autor faz mais do que facilitar. Ele também analisa, pondera e interpreta as teses de Rüsen apresentando-as de um modo que, quem desejar, terá condições de se dirigir com maior segurança, mas também com algum ganho reflexivo, aos textos referenciais. Aliás, o leitor deve ir aos textos de Rüsen, afinal o livro de Assis é uma *introdução,* um convite à leitura.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Arthur Alfaix. *A Teoria da História de Jörn Rüsen.* Uma introdução. 2ª edição. Goiânia: Editora UFG, 2025.

ASSIS, Arthur Alfaix. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de Do Império à República, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 30, n. 59, p. 91-120, 2010.

ASSIS, Arthur Alfaix. Jörn Rüsen contra a compensação. *Intelligere.* Revista de História Intelectual. São Paulo. v. 3, n. 2, p. 18-33, 2017.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. *Didática da História e consciência histórica: pesquisa na pós-graduação brasileira (2001-2009).* 135f. (Dissertação de Mestrado - Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, 2012.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. A teoria da história de Jörn Rüsen no Brasil e seus principais comentadores. *História Hoje*, v. 4, n. 8, p. 224-246, 2015.

CABRAL, Thiago Luiz de Oliveira et al. A Capes e suas Sete Décadas: trajetória da pós-graduação stricto sensu no Brasil. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 16, n. 36, p. 1-22, 2020.

GOMES, Robeilton de Souza. *Esboço de uma teoria da história.* Introdução à obra de Johann Droysen (1857-1882). Curitiba: CRV, 2024.

KOZLAREK, Oliver. Jörn Rüsen y el humanismo como luz en tiempos de oscuridad. DOSSIÊ: sentido e relevância da História no mundo contemporâneo. I*ntelligere.* Revista de História Intelectual. São Paulo. v. 3, n. 2, p. 34-46. 2017.

MARTINS, Estevão de Rezende. Apresentação. *Intelligere.* Revista de História Intelectual. São Paulo. v. 3, n. 2, p. i-iii. 2017.

MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de; ZOREK, Bruno de Macedo. *Leitura e interpretação de textos historiográficos.* 2ª Edição. Curitiba, PR: InterSaberes, 2023 [2017].

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa; REIS DOS SANTOS, Silmária. Um legado de décadas de interlocução e amizade: Entrevista com Estevão Chaves de Rezende Martins. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 1–7, 2025.

PINA, Max Lanio Martins. *A Didática da História alemã no Brasil: fundamentos, epistemologias e as influências nas pesquisas em Goiás.* 300f. (Tese de Doutorado - História) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2023.

PINA, Max Lanio Martins. A Didática da História em Goiás: trajetória disciplinar de um campo de formação de professores e reflexão do ensino e aprendizagem histórica na FH/UFG. *História Revista,* Goiânia, v. 28, n. 2, p. 10–32, 2024.

PINA, Max Lanio Martins. As influências da Didática da História em Goiás: uma análise das pesquisas acadêmicas realizadas no PPGH-UFG (2013-2020). *CLIO*: Revista de Pesquisa Histórica, v. 39, p. 75-108, 2021.

SANTOS, Silmária Reis dos. *A inserção dos trabalhos de Jörn Rüsen no Brasil e a interpretação da teoria da didática da história nas pesquisas brasileiras (2010-2017)*. 199f. (Dissertação Mestrado - História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. Rüsen e Ankersmit. *Intelligere*. Revista de História Intelectual. São Paulo. v. 3, n. 2, p. 54-59,2017.

RÜSEN, Jörn. Explicação narrativa e o problema dos construtos teóricos de narração. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, São Paulo, n. 3, p. 97-104, 1987.

RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da "nova intransparência". *História*: questões e debates, Curitiba, a. 10, n. 18/19, p. 303-328, 1989.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. *Textos de História*, Brasília, v.4, n. 1, p. 75-102, 1996.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*: teoria da história II, os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta Rose Alcaide. Rev. téc. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a.

RÜSEN, Jörn. *História viva*: teoria da história III, formas e função do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007b.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história*: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão de Rezende Martins. Rev. téc. Arthur Alfaix Assis. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

WIKLUND, Martin. Rüsen's response to the crisis of historicism. *Intelligere*. Revista de História Intelectual. São Paulo. v. 3, n. 2, p. 90-104, 2017.

O QUE FAZEM OS HISTORIADORES?
Uma leitura de "A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução", de Arthur Assis
Resenha recebida em 28/04/2026 • Aceita em 26/07/2026
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892

Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado